

A CRISE GERAL DO CAPITALISMO: OS IMPACTOS SOBRE O TERRITÓRIO*

Zeno Soares Crocetti**

1

Resumo

Vivemos nesse início de milênio alterações econômicas e geopolíticas que refletem as rápidas e imprevisíveis transformações das últimas décadas, que configuram uma crise Geral do Capitalismo. Também uma crise de paradigmas, uma vez que se colocam em dúvidas os modelos e as teorias que tentam compreender e explicar a globalização e sua crise, cuja feição ainda se encontra completamente indefinida. Diante dessa complexidade iremos fazer uma interpretação da *Crise Geral do Capitalismo*, também chamada de *Crise Financeira* ou ainda *Crise do Neoliberalismo*.

Palavras chave: *Crise Financeira, Organização do Território, Gestão Política do Território e Geografia Econômica.*

GENERAL CRISIS OF CAPITALISM: THE IMPACTS ON THE TERRITORY

Abstract

We live in this beginning of the millennium economic and geopolitical changes that reflect the rapid and unpredictable changes of recent decades, which constitute a crisis of Capitalism General. Also a crisis of paradigms, since it put in doubt the models and theories that attempt to explain and understand globalization and its crisis, whose feature is still completely unclear. Given this complexity will make an interpretation of the *General Crisis of Capitalism*, also called the *Financial Crisis* or *Crisis of Neoliberalism*.

Keywords: Financial Crisis, Organization Planning, Policy Management Planning and Economic Geography.

*Texto básico da apresentação nas palestras/debates sobre a Crise do Capital em julho de 2012, na UEPB, FAINTVISA-PE e UFPB.

** Professor doutor do curso de Geografia UNIBEM/FIES em Curitiba/PR.

Introdução

Mas o mundo se pergunta o que disparou essa crise atual? Serão os derivativos, que Warren Buffett chamou de "armas financeiras de destruição em massa"? Ou são, por acaso, as hipotecas do *subprime*? Ou quem sabe os especuladores da securitização, que estimularam a alavancagem de derivativos? Pode ser especuladores do petróleo e das matérias primas? Achar os culpados não parece ter importância real, essas possíveis determinações funcionam como diversão, ou seja, são como cortina de fumaça para se tirar o foco do principal. Isso é concentrar-se na poeira, como dizia Fernand Braudel, são os eventos de curta duração. Se quisermos entender o que está ocorrendo necessitamos lançar um olhar amplo para outras temporalidades, que é muito mais revelador, ou seja, temos que analisar um cenário de longo prazo. Inclusive mega especuladores tentam interpretar a Crise e fazem reflexões para entender o que deu errado, até Soros mega especulador deixe suas impressões.

2

“desgraçadamente temos a ideia de fundamentalismo de livre mercado, que hoje é a ideologia dominante, e que pressupõe que os mercados se corrigem; e isso é falso porque geralmente é a intervenção das autoridades que salvam os mercados quando eles se atrapalham. Desde 1980 tivemos cinco ou seis crises: a crise bancária internacional de 1982, a falência do banco Continental Illinois em 1984 e a falência do *Long-Term Capital Management*, em 1998, para citar três. A cada vez, são as autoridades que salvam os mercados, ou organizam empresas para fazê-lo. As autoridades têm precedentes nos quais se basear. Mas, de alguma maneira, essa ideia de que os mercados tendem ao equilíbrio e que seus desvios são aleatórios ganhou aceitação geral e todos estes instrumentos sofisticados de investimentos foram baseados nela.”

(SOROS, 2008; p.9)

A Interpretação da Crise

No Brasil como nos EUA e mundo afora centenas são os intelectuais, gênios de última hora a fazer suas reflexões e deixar suas opiniões sobre a atual crise financeira, alguns lúcidos e esclarecedores das circunstâncias, outros nem tanto, se comportam como soldados ideológicos obedientes a defender o Sistema Capitalista Internacional. É o Estado o único culpado pela Crise Geral do Capitalismo atual, nas palavras de Hélio Beltrão no Brasil e republicanos de direita nos EUA, nas citações a seguir;

“É muito difícil afirmar que a desregulamentação tenha causado a crise nos EUA, pois o setor financeiro é o mais regulamentado e estatizado de todos. O Banco Central (FED) tem o controle dos juros da economia como um todo. (...) A Crise foi gerada pelo tamanho da máquina do governo estadunidense, e pelo excesso de impostos e regulamentação do sistema econômico nos estados Unidos. Para sair dessa crise os EUA precisam reduzir o tamanho do governo, com a diminuição das regulamentações sobre a economia, algo que faria com que os EUA voltassem a crescer de forma sustentável. Isto é, precisariam arrumar uma forma de pagar as dívidas que o governo tem, e que só fazem aumentar. O endividamento estadunidense, só no governo Obama, duplicou em relação a todo endividamento de toda a história dos Estados Unidos: começou com U\$ 6,5 trilhões de endividamento e hoje (2012) já está em cerca de U\$ 13 trilhões”.

Hélio **Beltrão**, Instituto Millenium em 01/03/2012.

Proclamando numa sonora e orquestrada retórica global, que todos os malefícios do mundo capitalista são resultado das intervenções dos Estados nos mercados internacionais pela regulamentação, e num discurso de pensamento único defendem como solução final, o fim do Estado do Bem Estar Social.

O Sistema não pode ser Regulamentado é contra o princípio da Livre Iniciativa!

Agora, muitos republicanos chegaram à conclusão de que o modelo de Estado do bem-estar social se encontra à beira da morte. Yuval Levin expressou perfeitamente esta convicção em um ensaio definitivo para *The Weekly Standard*, intitulado *Nossa Era da Ansiedade (Our Age of Anxiety)*: "Temos a percepção de que a ordem econômica que conhecemos na segunda metade do século 20 provavelmente nunca mais voltará - que ingressamos numa nova era para a qual não estamos preparados (...). Ao contrário, estamos à beira do colapso fiscal e institucional do nosso Estado do bem-estar social, que ameaça não apenas o futuro das finanças públicas, mas também o futuro do capitalismo estadunidense".

3

David **BROOKS**, O que pensam os republicanos, O Estado de S. Paulo, 19/06/2012.

Nos EUA, assim como na Europa, afirmam os republicanos, o Estado do bem-estar social não oferece segurança nem dinamismo. A rede de segurança é tão dispendiosa que deixará de existir para as próximas gerações. Ao mesmo tempo, o atual modelo transfere recursos dos setores inovadores da economia para setores estatais já inchados, como a saúde e a educação. Sucessivos presidentes foram acumulando regulamentações e brechas na lei, criando uma forma de *capitalismo de Estado*.

O professor e economista estadunidense Walter **WILLIAMS**, em entrevista ao programa *Milênio*, do Globo News, fez a seguinte análise:

“Mas isto (a crise) foi causado pelo governo, pela Fannie Mae, Freddie Mac e outros, e pelas regulamentações do governo americano, que obrigam os bancos a concederem empréstimos a quem eles não concederiam de outra maneira. Foi a chamada Lei de Reinvestimento Comunitário que possibilitou aos pobres comprarem casa própria. Obrigaram os bancos a fazer empréstimos. (...) Eles disseram aos bancos: ‘Se quiser abrir outra agência, tem que nos mostrar que concedeu empréstimos a pobres, negros ou minorias’. E fizeram chantagem com os bancos. (...) Foi causada (a crise) pelo governo.”

Para interpretar esse quebra cabeças, vamos partir, por exemplo, dos cíclicos de média duração, ou aqueles de tendências estruturais de longa duração. A economia-mundo capitalista teve, durante vários séculos, formas de vai-e-vem cíclico. O que iremos usar são os chamados ciclos de Kondratieff, que historicamente teriam uma duração de 50-60 anos aproximadamente.

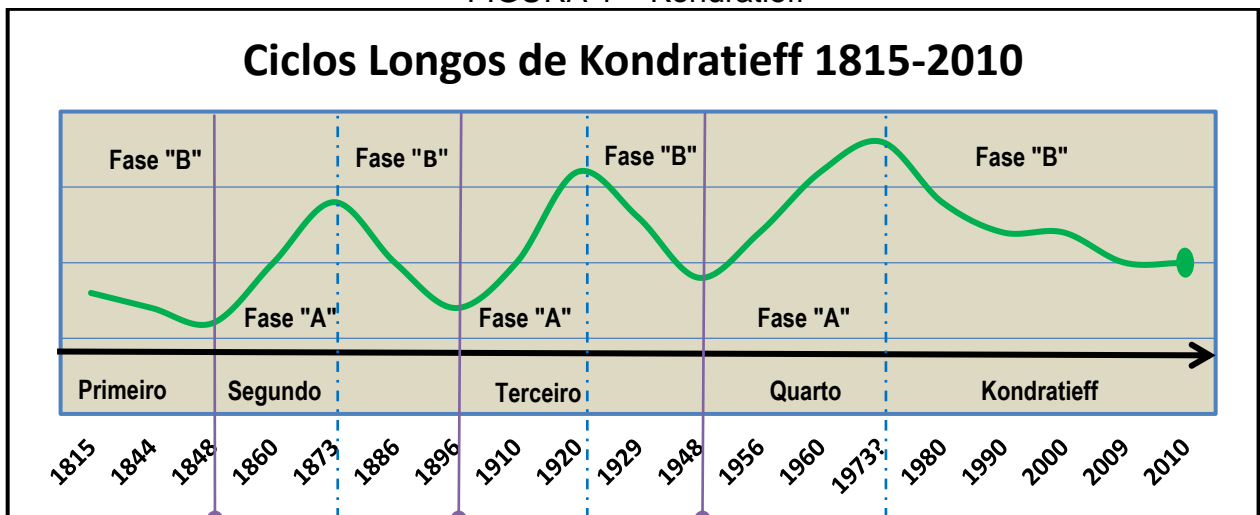
Marx ao analisar as crises do capitalismo dos séculos XVIII e XIX, além de fatores conjunturais, formulou a tese da queda da taxa de lucro, como um fator determinante, em suas reflexões;

Queda da taxa de lucro e acumulação acelerada são, nessa medida, apenas expressões diferentes do mesmo processo, já que ambas representam o desenvolvimento da força produtiva. A acumulação, por sua vez, acelera a queda da taxa de lucro, à medida que com ela está dada a concentração dos trabalhos em larga escala e, com isso, uma composição mais elevada do capital. Por outro lado, a queda da taxa de lucro acelera novamente a concentração de capital e sua centralização (...) (Marx, 1988; L. III. t. 1, p. 183).

De acordo com a formulação de Kondratieff cada ciclo tem uma fase de ascensão e declínio. A dinâmica interna dos ciclos (chamado de ciclo de Kondratieff depois dos estudos dele) é baseada no princípio de flutuações, no mecanismo de acumulação, concentração, dispersão e desvalorização do capital como um fator chave para o desenvolvimento do mercado capitalista da economia.

Além disso, sua interpretação do desenvolvimento da crise do capitalismo indicou que essa regularidade cíclica vai existir enquanto o modo de produção capitalista persistir. *"Cada nova fase do ciclo é pré-determinado com acúmulo de fatores da fase anterior, e cada novo ciclo está seguindo o precedente tão naturalmente como uma fase de cada ciclo após o outro. No entanto, ele tem que ser entendido separadamente, pois cada novo ciclo surge com especiais e novas condições históricas, e se desenvolve num novo nível das forças produtivas e, portanto, não é uma simples repetição do ciclo anterior"*. Portanto não se trata de uma repetição simples de uma crise anterior, como muitos pesquisadores vêm repetindo, mas, de novas condições históricas que o processo capitalista criou. (KONDRATIEFF, 2010; p.12-17).

FIGURA 1 – Kondratieff



Fonte: Mamigonian: 1987 p. 63-71 e Rangel: 1990 p. 33-35. Elaboração Crocetti 2011.

Obs. A linha do gráfico Kondratieff foi construída pelas médias trienais do crescimento econômico mundial, com base nos gráficos do Banco Mundial 2011 e das tabelas de Mamigonian: 1987 p. 63-71 e Rangel: 1990 p. 33-35.

Para fundamentar sua teoria, Kondratieff procurou examinar o comportamento de variáveis econômicas e sua dinâmica, efetuando, ao longo dos anos, a análise do movimento médio das séries e indicadores de preços e mercadorias. Tais como taxas de juros, investimentos dos bancos, salários dos trabalhadores em atividades agrícolas e industriais, alterações populacionais, importação e exportação, depósitos e poupanças bancárias, total de comércio exterior, consumo e produção de carvão e petróleo; produção de ferro gusa; produção de cereais por acres e produção líder. Nestes ciclos a fase de expansão é caracterizada por superinvestimentos em bens de capital e, na fase de depressão, por um processo de depreciação. Ver teorização esboçada na Figura 1.

"Modificações nas técnicas têm sem dúvida um papel muito influente sobre o curso do desenvolvimento do capitalismo. Mas ninguém provou que elas têm uma origem acidental e externa. Modificações nas técnicas de produção presume (1) que relevantes descobertas e invenções científicas foram feitas, e (2) que é economicamente viável usá-las. Seria um erro óbvio negar o elemento criativo das descobertas e invenções científico-técnicas. Mas de um ponto de vista objetivo, ocorreria ainda um grande erro se alguém acreditasse que a direção e a intensidade destas descobertas e invenções fossem meramente acidentais; é muito mais provável que a direção e a intensidade sejam uma função das necessidades da vida real e do desenvolvimento precedente da ciência e da técnica. Invenções científico-técnicas por si mesmas, portanto, são insuficientes para trazer uma mudança real na técnica de produção. Elas podem se manter inativas tanto quanto as condições econômicas favoráveis de suas aplicação estiverem ausentes. Isto está revelado no exemplo das invenções científico-técnicas do século XVII e XVIII que foram usadas em larga escala somente durante a revolução industrial e início do século XVIII. Se isto é verdade, então a suposição de que as modificações técnicas são de caráter aleatório e não de fato a fonte nascente de necessidades econômicas perde o seu peso. Nós vimos antes que o desenvolvimento das técnicas em si é parte do ritmo das ondas longas."

KONDRATIEFF, 1984; 35-36).

Para a determinação dos anos de tais tendências, ele concluiu que os limites destes ciclos podiam, todavia ser representados como sendo as variáveis de 40 a 60 anos aproximadamente, e estabeleceu um gráfico provável dos ciclos. Ver figura 1 e quadro 1.

Ao examinar a natureza dos longos ciclos, do ponto de vista das modificações nas técnicas de produção, Kondratieff observou que as regularidades do processo ajudam a estabelecer algumas regras empíricas para o movimento das longas ondas. E dentro desta perspectiva, em um curto, mas importante trecho, Kondratieff revelou o papel das modificações nas técnicas nos longos ciclos:

Para (SCHUMPETER, 1984; p. 62-77) – economista e professor de Harvard –, que desenvolveu a teoria da Inovação, interpretou que os longos ciclos resultam da conjugação ou da combinação de inovações, e cria um setor líder na economia, ou um novo paradigma, ou inovação tecnológica que impulsiona o crescimento rápido desta economia. Este setor promove, antes de consolidar a sua hegemonia, uma avalanche de transformações e de destruições criativas, para ele a crise geral do capitalismo é também fruto do esgotamento tecnológico, ou seja;

"O Capitalismo, então, é, pela própria natureza, uma forma ou método de mudança econômica, e ele nunca pode estar estacionário. E tal caráter **evolutivo** do processo capitalista não se deve meramente ao fato de a vida econômica acontecer num ambiente social que muda e, por sua mudança, altera os dados da ação econômica; isso é importante e tais mudanças (guerra, revoluções e assim por diante) frequentemente condicionam a mudança industrial, mas não são seus motores principais. Tampouco se deve esse caráter **evolutivo** a um aumento quase automático da população e do capital ou dos caprichos dos sistemas monetários, para os quais são verdadeiras exatamente as mesmas coisas. O impulso fundamental que inicia e mantém o movimento da máquina capitalista decorre de novos bens de consumo, dos novos métodos de produção ou transporte, dos novos mercados, das novas formas de organização industrial que a empresa capitalista cria

(...). A abertura de novos mercados -- estrangeiros ou domésticos -- e o desenvolvimento organizacional, da oficina artesanal aos conglomerados (...), ilustram o mesmo processo de mutação industrial (...) que incessantemente revoluciona a estrutura econômica *a partir de dentro*, incessantemente destruindo a velha, incessantemente criando uma nova. Esse processo de **Destruição Criativa** é o fato essencial do capitalismo. É nisso que consiste o capitalismo e é aí que têm de viverem todas as empresas capitalistas."

(SCHUMPETER, 1984; p.112-113).

A tese marxista do "*lumpen proletariado*", proletariado esfarrapado, que não consome e provoca a saturação do mercado dos mais ou menos ricos continua válida. A diferença relativa ao Século XIX é que agora a situação é global, e são os ricos que estão com os mercados mais saturados. Segue quadro esquemático adaptado da tese de Schumpeter.

6

Quadro I: Longos Ciclos Adaptados de Schumpeter

FASES	DECOLAGEM	EXPANSÃO	RECESSÃO	DEPRESSÃO
CICLOS	A	B	C	D
1o	1770-1785	1786-1800	1801-1813	1814-1827
2o	1828-1842	1843-1857	1858-1869	1870-1885
3o	1886-1897	1898-1911	1912-1925	1926-1937
4o	1938-1974	1974-1998	1998-2007	2007...

Fontes: Baseado em, STOFFAES (2009: 337 e 362); GOLDSTEIN (1988:94).

Estamos segundo Schumpeter e suas adaptações para o momento atual a caminho do período de recessão/estagnação. Não dá para dizer que haverá uma depressão profunda da economia, tampouco que um grande conflito armado vai fechar esta fase. Embora possamos interpretar que talvez o sistema se autorregulou, com guerras pontuais na periferia do sistema (Afeganistão, Iraque, Líbia, entre outras). Podemos estar errado, evidentemente. Embora a onda dos ciclos de crescimento e depressão da economia se encaixe com exatidão. Alguns analistas sugerem que o ciclo deve ser corrigido pela expectativa de vida da população – se ela se alonga também o ciclo cresce.

Na interpretação de Rangel/Armen; Na década de 1980, em pleno período depressivo fruto da crise do petróleo, quando o Reagan assume os EUA e a Thatcher na Inglaterra, ocorre uma política reversiva em termos de agressividade. Passaram a adotar uma política econômica de não fechar o mercado estadunidense, como tinha acontecido na crise de 1929/30. Ao contrário, fizeram uma política dupla: abertura para certas coisas e fechamento para outras. Fechamento, por exemplo, das importações de automóveis, sobretudo japonesa. Então, os japoneses foram obrigados a instalar

fábricas nos Estados Unidos; isso fez parte, portanto, de uma política deliberada: vamos recuperar a economia dos EUA.

Uma das estratégias foi liberar o mercado financeiro. A liberação do mercado financeiro significou que eles puderam operar no mundo inteiro. E essa recuperação financeira ocorreu por causa das desregulações, isto é, as moedas deixaram de ter paridade com o dólar, aboliram o câmbio fixo. Implantaram o câmbio flexível. Ocorreram muitas especulações com as moedas, que afetou, por exemplo, a Inglaterra nos anos 80. Os especuladores atacaram a libra esterlina. Passou a haver uma liberação da compra de ações praticamente do mundo inteiro, com exceção talvez no Japão, que se segurou um pouco.

7

Durante a crise dos anos 1929/30, ocorreu o esgotamento tecnológico, e havia uma necessidade de renovação tecnológica do capitalismo. O capitalismo já tinha esgotado a sua capacidade de lucratividade com a tecnologia que dispunha. Então o capitalismo precisava encontrar fórmulas tecnológicas, organizativas etc., para superar a crise.

Nos anos de 1980, uma das formulas que os EUA usaram foi exatamente adotar o *Toyotismo*, que nem eles conheciam direito. Então eles tiveram que acelerar. Mas era só um mecanismo de organização da produção industrial. Na verdade, muito mais do que isso havia atrás dessa crise toda a necessidade de uma revolução tecnológica que já estava começando e não parou. Até hoje essa revolução tecnológica está andando, ela foi simplesmente retardada pelo fato de que eles puderam ter lucros astronômicos no mercado financeiro especulativo. Não havia então necessidade de fazer tantos investimentos em novas tecnologias, que exigem centenas de bilhões em novos investimentos, então o caminho mais fácil foi colocar as grandes corporações no mercado especulativo.

Uma das razões pelas quais a crise do capitalismo não acabou foi que as novas tecnologias continuam proporcionalmente atrasadas. Atrasadas porque a financeirização foi prioridade para ter uma lucratividade imediata. O capitalismo está atrasado do ponto de vista de revolução tecnológica. E só essa revolução tecnológica é que vai permitir à economia mundial toda se recuperar. A atual crise da primeira década dos 2000, essa crise vai acelerar a corrida tecnológica porque está demonstrado que aqueles que ficarem esperando excessivamente vão ficar para trás.

A questão da revolução tecnológica é uma questão da qual não se escapa. Isso não é uma coisa que se possa controlar ou deixar de controlar. São leis do capitalismo. O capitalismo quando entra num período depressivo é obrigado a procurar novas fórmulas de lucratividade. E uma delas são tecnologias novas. Nesse sentido, dá para dizer que o fordismo já acabou, foi substituído pelo *toyotismo*. Dá pra dizer que a segunda revolução industrial já acabou ela está sendo substituída pela terceira. Então, é um fenômeno inexorável — não é coisa que dá pra ser a favor ou contra.

A relação produção/consumo para o capitalismo é fundamental. Não se pode brincar. Consequentemente, o que vem por aí — num futuro relativamente próximo — é uma diminuição da jornada de trabalho, como já houve nas outras revoluções industriais. Porque para o capitalismo não interessa ter uma população desempregada muito numerosa. Há uma margem de tolerância política. E, por outro lado, há uma necessidade de que a relação entre produção que sobe verticalmente pela revolução tecnológica seja acompanhada por uma capacidade de consumo. Essa capacidade de consumo pode ser induzida pelos Estados, sob a forma de uma redução da jornada de trabalho como aconteceu em todas as revoluções industriais.

História das Crises

Fizemos a seguir uma síntese das principais e sucessivas crises do capitalismo durante a fase “B” de recessão do 4º Ciclo de Kondratieff.

Bolsa de Valores de Londres (1973)

A crise do petróleo, quando os países da OPEP decidiram elevar os preços várias vezes, a bolsa de Londres caiu 73%.

1992-1993: Black Wednesday;

Ataques especulativos às moedas do Mecanismo de taxas de câmbio europeu. A crise iniciou-se com a decisão do governo conservador britânico de retirar a libra esterlina do mercado, por não conseguir manter a moeda britânica nos limites exigidos. Isto causou um ataque de especulação quanto ao real valor das moedas do continente (naquela época, o Euro ainda não existia, e os países europeus todos possuíam ainda suas moedas nacionais), totalizando perdas de cerca de 3.4 bilhões de libras.

1994-1995: Crise econômica do México de 1994

Também conhecida em espanhol como “el horror de diciembre”, foi ataque especulativo agravado pela inadimplência do México - esta crise se inicia com a inesperada desvalorização do peso mexicano, em dezembro de 1994. Seu efeito reverberou por toda a economia do cone-sul atingindo o Brasil especialmente, naquilo que ficou conhecido pela imprensa mundial como o “Efeito tequila”. Os EUA decidem ajudar o México, liberando US\$ 50 bilhões, em troca do rompimento do monopólio do petróleo que havia se estabelecido no final da década de 30, restaurando a confiança no potencial de investimentos no país.

1997-1998: Crise financeira asiática

Japão 79%, o mercado japonês sofreu uma prolongada queda de preços entre 1993 e 2003, o que se transformou num pesadelo deflacionário. Desvalorizações e crise bancária em vários países da Ásia. Iniciada na Tailândia, com o colapso da moeda local, o baht, ela se alastrou para mais cinco

países, praticamente todos os denominados tigres. Na Indonésia, a crise soou mais forte, chegando a causar distúrbios de rua, a queda do ditador Suharto, e em última análise contribuiu até para a independência de Timor.

1998: Crise financeira russa

Desvalorização do rublo e moratória da Rússia – Cenário bastante parecido com o do México, onde, uma vez demonstrada a fraqueza da economia de um país, logo se inicia a especulação generalizada. O Brasil em especial sofreu com a crise russa, sendo o episódio onde reconhecidamente as conquistas obtidas com o Plano Real de 1994 quase foram destruídas pela especulação em massa que varreu as economias mundiais naquele momento.

9

2000: Bolha “ponto com”

A bolha da internet, que alcançou seu auge em março de 2000, foi causada pela rápida valorização das ações de empresas ligadas à internet. Com o tempo, muitos investidores perceberam que o retorno não viria e começaram a vender suas ações, em um efeito dominó derrubando a bolsa de valores Nasdaq.

2001-2002: Crise econômica da Argentina

Quebra do sistema bancário, dando origem a uma carestia de proporções imensas, que evoluiu para o caos nas ruas das principais cidades. Ocorrem várias renúncias da presidência, o país entra em virtual falência, e declara moratória, só se recupera, após abandonar o receituário de economia neoliberal do FMI.

2008: Crise financeira de 2008-2012

Agora, o alvo das especulações são as economias mais fortes do mundo, Nos EUA tem início no setor imobiliário, e se alastra por todos os setores da economia. É desse modo que vamos encontrar atualmente a crise nas economias da Europa, como Portugal, Espanha, Grécia, Irlanda, Itália. Essas anomalias nas finanças desses países da União Europeia foi chamado de PIGS é um acrônimo pejorativo originalmente usado na imprensa de língua inglesa, sobretudo britânica, para designar o conjunto das economias de Portugal, Itália, Grécia e Espanha (*Spain* em inglês). Em inglês o apelido significa "porcos", animais por vezes usados em caricaturas para ilustrar o mau desempenho econômico dos 4 países. A expressão "economias porcinas" é também usada.

Quadro 2 – BRICS x PIIGS

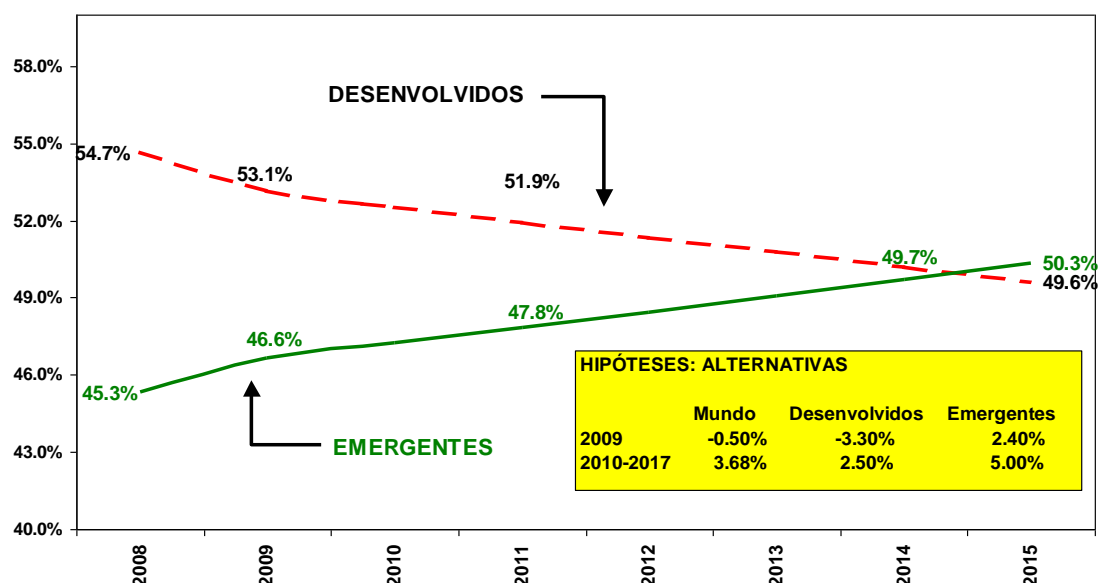
Brics	PIB 2º tri	versus	PIB 2º tri	Piigs
Brasil	3,1%	x	-0,9%	Portugal
Rússia	3,4%	x	0,8%	Itália
Índia	7,7%	x	2,3%	Irlanda
China	9,5%	x	-7,3%	Grécia
África do Sul	3,0%	x	0,7%	Espanha
Média BRICS	5,8%	x	-0,9%	Média dos Piigs

Fonte: Austing Rating, 2011

Crise do Capital no Mundo e Brasil

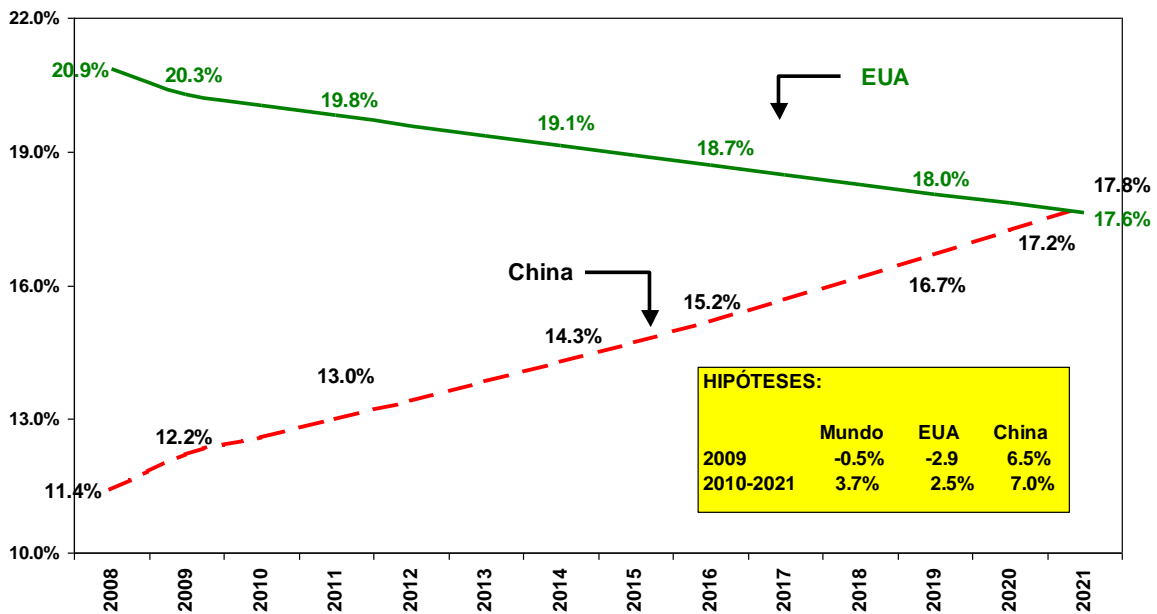
Ficou provado com as sucessivas Crises Gerais do Capitalismo, que essa história de que o mercado regula e o Estado é dispensável é um grande engodo, uma bobagem. Em nenhuma economia existe o mercado exclusivamente ou o Estado exclusivamente. Na União Soviética não era assim — existia o mercado e existia o Estado. Nessa crise o capitalismo está se saindo razoavelmente bem. Isto é, eles estão sabendo que não podem deixar estourar o sistema bancário. Mas, o sistema bancário não pode ser controlado pelos Estados. Há uma força de autonomia do sistema bancário no capitalismo, diferentemente do socialismo. Na China não se pode imaginar um sistema bancário, um sistema financeiro, que faça o que quiser. Isso não existe. O socialismo controla os eixos principais das decisões econômicas, dos mecanismos econômicos. No capitalismo isso não acontece. A grande vantagem, do socialismo sobre o capitalismo é essa capacidade de juntar o poder do Estado com o poder do mercado. A seguir apresentamos duas figuras a 2 e 3, ondem aparecem cenários da participação do PIB mundial e o impacto da crise tanto nas economias periféricas como centrais, bem como o papel da China.

PARTICIPAÇÃO NO PIB MUNDIAL (PESO EM %) - ECONOMIAS EMERGENTES E AVANÇADAS - 2008 – 2015 – FIGURA 2



FONTE: FMI E DEPEC 2011.

PARTICIPAÇÃO NO PIB MUNDIAL (PESO EM %) – EUA E CHINA VANÇADAS - 2008 – 2021 FIGURA 3



FONTE: FMI E DEPEC 2011.

Interpretação das consequências e soluções da crise no Brasil, formulada por Armen Mamigonian (2011), que resumo e atualizo a seguir; Na crise de 1930 a revolução significou a ascensão ao poder dos industriais, como um setor de inserção secundário no pacto de poder. O setor principal eram os latifundiários, sobretudo os estancieiros gaúchos e Minas, que recebeu apoio também do sertão do nordeste; então esse pacto de poder foi um pacto desenvolvimentista. Pois havia interesse do próprio latifúndio. Porque ao latifúndio interessava exportar mais, ao latifúndio interessava os investimentos na rodoviarização do país, valorizaria as suas terras, mas por outro lado, não interessava nenhuma proposta de reforma agrária, nesse ponto o pacto era sagrado: ninguém ia propor uma reforma agrária que passasse por esse pacto de poder.

Mas como constatamos mais tarde, a Reforma Agrária não era condição indispensável para um crescimento econômico; está provado hoje, não precisou. Com a substituição das importações, e a conseqüente produção de tecidos, cigarros, sapatos etc., no lugar de importar, passaram a produzir internamente. Que em uma etapa seguinte, foi estendida para; cimento, material de construção, tinta, azulejo, etc. Então a urbanização exigia; mais pra frente por conta da rodoviarização, seria necessária a criação e produção, de refinarias de petróleo, ia precisar de aço, e coisa parecida e assim foi indo.

Chegou o momento em que esse pacto sofreu uma crise em 1990, e ocorreu um rompimento desse pacto, por parte do imperialismo estadunidense, que impôs a saída dos industriais brasileiros e a substituição por eles, eles já estavam no poder pelo lado, das suas relações com os bancos brasileiros. Então em 1990 houve uma contrarrevolução neoliberal imposta pelos Estados Unidos, Collor, depois Fernando Henrique e etc.

Os industriais que eram minoritários no pacto de 30, precisaram de um latifundiário como o Getúlio Vargas para alavancar o setor industrial, ou seja, a Companhia Siderúrgica Nacional saiu das mãos desse latifundiário. Isto é, Getúlio sabia em 1930 que podia jogar de um lado com o Japão e Alemanha e do outro lado com os Estados Unidos e Inglaterra então o Brasil, por exemplo, exportou algodão em grandes proporções para o Japão e Alemanha, e isso aí os intelectuais brasileiros fazem questão de esquecer. Também se esquecem de dizer que ele era um líder muito competente para os interesses nacionais.

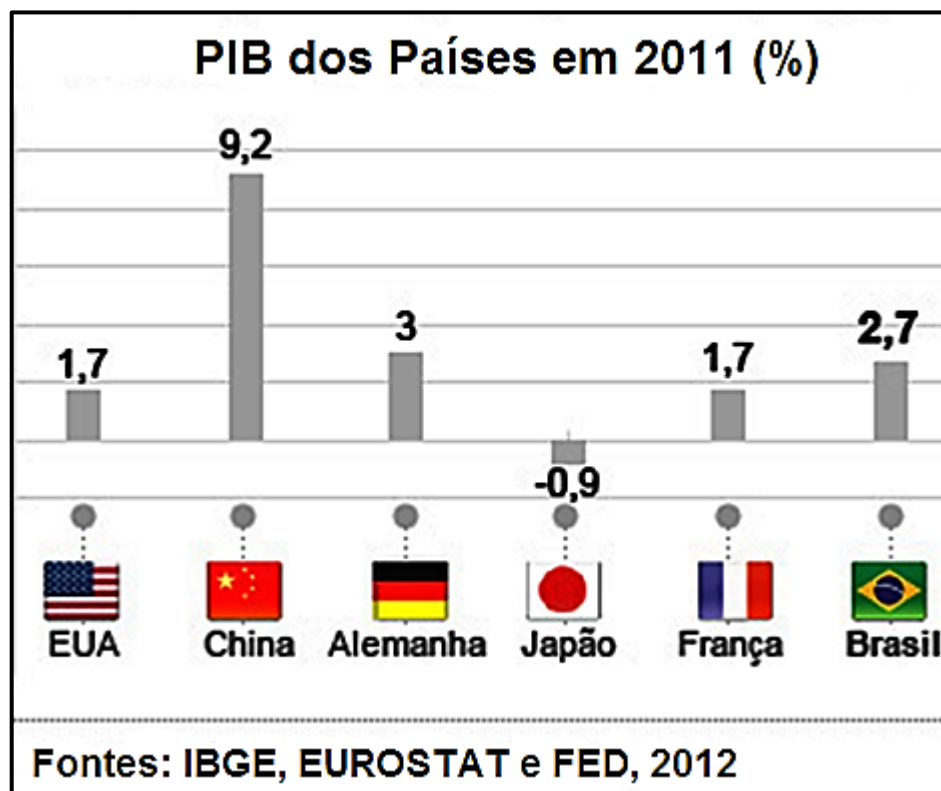
Quando começa a Segunda Guerra não havia praticamente outra opção, apenas o Imperialismo Estadunidense, mas Getúlio sabia que podia jogar e nesse jogo mandou em 1938-39 um general a percorrer a Inglaterra, Estados Unidos, a Alemanha para ver quem iria financiar a siderurgia brasileira, então ele arrancou a Companhia Siderúrgica Nacional. O que podemos concluir com isso? Que esses latifundiários nacionalistas alavancaram a indústria brasileira. Os industriais eram os sócios secundários. Tanto que em 1932, na revolução constitucionalista, os industriais aderiram.

Agiram como um bando de ignorantes. Eles não sabiam que a revolução constitucionalista contra o Getúlio seria contra eles. Aí o Roberto Simonsen foi obrigado a sair, mas logo voltou. E agora quando terminou o governo do Fernando Henrique, houve um novo fato, digamos inusitado. Assim como em 1930 um latifundiário, um estancieiro foi o pai da industrialização brasileira, agora, sem que os industriais tivessem consciência disso, precisou de um Lula, que sai do movimento operário, para que eles pudessem ser novamente alavancados.

Podemos afirmar que os industriais brasileiros são extremamente competentes e extremamente agressivos do ponto de vista empresarial. Por isso de certa forma o Lula acabou sendo o representante dos interesses nacionais, que interessam tanto à classe operária quanto à burguesia industrial brasileira. Mas ele ganha as eleições e o sistema está dominada pelo neoliberalismo. Então Lula é obrigado a engolir, por exemplo, o Banco Central. Ele poderia ter pressionado o Banco Central, ter mudado suas políticas há mais tempo, mas o Banco Central foi o imperialismo dentro do governo. Quer dizer, o pacto de poder em 1990 eliminou a burguesia industrial. Então, neoliberalismo, abriu a economia, destruiu uma série de empresas. Essa burguesia incompetente do ponto de vista político precisava de um governo de esquerda, de centro-esquerda. E esse governo tem desempenhado esse papel, mas não conseguiu durante a gestão Lula (2002-2010) desalojar o imperialismo estadunidense do governo, que está dentro que é o Banco Central.

O Banco Central não pode ser controlado pelo sistema financeiro. Ele tem de ser controlado pelo Estado brasileiro, tendo em vista os interesses nacionais, os interesses dos trabalhadores, da criação de emprego. E podem-se assegurar interesses também dos bancos. Mas eles não podem mandar. Eles não podem dizer qual vai ser a taxa dos juros, se vão aumentar tanto, o câmbio vai ser do jeito que está aí e coisas parecidas. Esse câmbio, por exemplo, é um câmbio desastroso.

FIGURA 4



O Brasil reúne condições políticas hoje pra romper esse entrave, porque o governo demonstrou competência. Então tem poder de fogo decorrente da competência demonstrada. Quer dizer, em 2009 demonstrou que sabe administrar a crise. Tiveram políticas econômicas, Mantega, BNDES, etc. que demonstraram competência. E se demonstraram competência, tem que ter o direito de controlar o conjunto da política econômica brasileira. O Banco Central não pode ficar nas mãos do imperialismo e dos banqueiros. Precisamos também de um sistema financeiro nacional. Precisamos romper com essa dependência do sistema financeiro dos Estados Unidos. Outra coisa é que precisamos também de uma reforma urbana, que proporcione muitas moradias. Na figura 4 mostramos o comportamento do crescimento do PIB dos principais países do mundo em 2011, após o choque e o impacto da recessão da crise do *subprime*.

No final de 2010, com a proposta da Reforma Urbana, e o PAC para construção de moradias, através de vários programas e sistemas, e no final de 2011 e início de 2012, com a retomada gradativa do Banco Central, através da direção do Alexandre Tombini, que sinalizou um recuo gradativo das taxas de juros. Movimento associado às políticas de desonerações da indústria, limitações de importações do México, restrição ao capital externo especulativo, novas taxações e aumento do IOF, feitas por Mantega, já sinalizam certa independência econômica, e uma maior agressividade e zelo aos interesses nacionais.

Referencias

- AMIM, S. **O desenvolvimento desigual: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.
- ANDRADE, M. C. de. **Espaço, polarização e desenvolvimento: uma introdução à economia regional**. São Paulo: Atlas, 1987. 5ª edição.
- CHOLLEY, A. (1948) **Observações sobre alguns pontos de vista geográficos**. Rio de Janeiro: BG/CNG/IBGE, 1964. BG n.º 179 e 180.
- CROCETTI, Z. S. Geografia e Poder: A dialética do território. In: **Geografia e interfaces de conhecimento debates contemporâneos sobre ciência, cultura e ambiente**. Londrina: EDUEL, 2011, p. 229-252.
- HARDT, M. e NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- HARVEY, D. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- **O Enigma do Capital**. São Paulo: Boi Tempo, 2011.
- HUNTINGTON, S. P. **Choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- JOHNSON, Chalmers. **As Aflições do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- KLEIN, N. **A Doutrina do Choque**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- KONDRATIEFF, N. D. (1939) **The Long Wave Cycle**. London: E P Dutton, 1984, 138 p.
- **The Long Waves In Economic Life (1935)**. Londres: Kessinger Publishing, LLC, 2010, p. 28.
- LEMINSKI, P. **Ensaio e anseios crípticos**. Curitiba: Polo Editorial do Paraná, 1997.
- LÊNIN, V. I. U. (1899) **Razvitie Kapitalizma V'Rossii**. Trad. port. **O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MAMIGONIAN, A. **Teorias sobre a industrialização brasileira**. Florianópolis: Cadernos Geográficos. UFSC/CFH/GCN, nº 2. Imprensa Universitária, 2000.
- MARX, K. **O Capital, Volume I, II e III**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 3ª edição.
- PERKINS, J. **Confissões de um assassino econômico**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo, Editora Ática, 1993.
- RANGEL, I. M. **Ciclo, tecnologia e crescimento**. Rio de Janeiro: Civilização, 1982.
- **Dualidade básica da economia brasileira**. Rio de Janeiro: ISEB, 1957.
- SANTOS, M. **Por Uma Outra Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000, 79-116.
- Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n 54, p. 35-59, jun. 1977.
- SCHUMPETER, J. A. **Business Cycles: a Theoretical, Historical and Statistical Analysis of the Capitalist Process**. London: Mc Graw and Hill, 1939.
- **Ciclos Econômicos**. In: A Teoria do Desenvolvimento Econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- SMICK, D. M. **O Mundo é Curvo**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009.
- SOROS, G. **O Novo Paradigma Para os Mercados Financeiros**. São Paulo: Agir, 2008.
- TROTSKY, L. **História da Revolução Russa**. Madrid: Sarpe, 1985.
- WHEEN, F. **Como a Picaretagem Conquistou o Mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2007.